

Joan Ramon Torres.

Las ánforas fenicio-púnicas

del Mediterráneo Central y Occidental.

Barcelona, Publicacions de la Universitat de Barcelona, col.
Instrumenta, n.2, 1995, 661p., ilustrações.

Maria Cristina Nicolau Kormikiari

Universidade de São Paulo, Brasil

O livro de Joan Ramon Torres é fruto de uma pesquisa de quinze anos a respeito da produção anfórica de oficinas fenício-púnicas do Mediterrâneo Central e Ocidental -área que o autor delimita como indo do leste de Trípole até o limite físico dos continentes europeu e africano com o Atlântico. Apenas no caso da Península Ibérica ele incluiu algumas oficinas indígenas que segundo sua avaliação utilizaram-se das regras morfológicas fenício-púnicas para a produção de ânforas. Apesar de imitações, estas conteriam todos os pressupostos dos vasilhames autênticos. O objetivo principal de seu trabalho é propor uma nova abordagem classificatória e uma divisão tipológica das ânforas fenício-púnicas produzidas e distribuídas nesta região. É importante ressaltar que o termo misto fenício-púnico é utilizado pelo autor de maneira generalizante e sem implicações cronológicas. Quando uma precisão cronológica foi buscada, o autor utilizou-se da concepção aceita pela maioria dos estudiosos. Assim, o termo fenício usado isoladamente alude ao período que vai de 750 a 600/550 a.C., e o termo púnico alude ao período posterior a estas datas.

Na introdução de seu trabalho, Ramon Torres deixa claro este objetivo afirmando que "El objetivo clave del presente trabajo es la elaboración de una nueva tipología de las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Centro-Occidental y el encuadre técnico de los tipos establecidos" (p.24). A base para esta classificação é a morfológica, pois apesar de apresentar vários critérios passíveis de uso em uma classificação (zonas de produção; conteúdo; e morfologia) o autor ao optar pela última salienta sua neutralidade, cuja relevância já teria sido tratada por outros especialistas (Morel, 1981, pp.17-36). Assim, ele afirma que "La clasificación de las cerámicas según su perfil geométrico parece ser, seguramente, el único principio capaz de eludir racionalmente el cúmulo inadmisibles de problemas previos que cualquier otro criterio base plantea ineluctablemente a la hora de crear un sistema de clasificación." (p.159).

Para a execução de seu objetivo Ramon Torres utiliza-se de um corpus documental muito abrangente. O autor foi buscar seu objeto de estudo (fragmentos de ânforas e peças inteiras) nos achados de campanhas de escavação recentes (incluindo as sempre ricas em documentação deste tipo, as subaquáticas), em coleções de Museus Públicos (onde muitas vezes teve acesso também aos contextos de achado das peças) e em coleções particulares, sendo que em inúmeros casos fez sua pesquisa no próprio local, em contato direto com a documentação.

Deste modo, após uma introdução (apresentada como capítulo1) e um pequeno capítulo (n.2) dedicado a delinear a estrutura do texto, seguem-se quatro grandes capítulos que por sua vez se subdividem em diversas partes, muitas vezes autônomas. Este recurso possibilita uma leitura ágil e permite ao leitor, acaso o deseje, direcionar a leitura para algum tópico que lhe seja de maior interesse.

O primeiro destes quatro grandes capítulos (n.3) apresenta o corpus documental com o qual o autor trabalhou. Assim, senão todos, com certeza a grande maioria dos sítios arqueológicos da vasta

região que compõe o Mediterrâneo Central e Ocidental, conforme definição do próprio autor para este topônimo, estão elencados por regiões (França, Zona Oriental Ibérica, Ilhas Baleares, Ilhas Pitiüses, Sul da Península Ibérica, Costa Oeste Ibérica, Marrocos Atlântico e Mediterrâneo, Argélia, Tunísia, Líbia, Malta, Sicília, Ilhas Eólias, Sardenha, Córsega, Itália Tirrênica e ilhas adjacentes). Apesar de não fazer parte dos limites geográficos de seu trabalho o autor incluiu também, em razão de nestes terem sido descobertas alguns dos exemplares das ânforas por ele estudadas, sítios do Mediterrâneo Oriental (Corinto, Olímpia e Atenas). Além de apresentar os achados materiais de ânforas fenicio-púnicas nestes sítios -incluindo neste elenco a documentação proveniente de navios afundados-, o autor procura registrar também, se bem que de maneira mais discreta, tanto outros tipos de ânforas -gregas, itálicas, indígenas- como também outros materiais fenicio-púnicos. Mesmo levando-se em consideração que estes dados não foram posteriormente incorporados ao seu objetivo final, sem dúvida tornou mais rico o registro das informações. O trabalho efetuado por Ramon Torres na catalogação desta documentação material é por si só um dos grandes méritos deste livro. O conteúdo do texto, que assinala muitas vezes o caráter do sítio apresentado -urbano, funerário, área de fabrico de recipientes, etc.- favorece a reutilização e a consulta deste elenco de dados para análises com objetivos diversos do da obra de Ramon Torres.

O capítulo que se segue, (n.4), é o coração desta pesquisa. Encontra-se subdividido em nove partes, centradas nas questões relativas e derivativas da construção de uma classificação e de uma tipologia únicas para as ânforas fenicio-púnicas. Na primeira parte, o autor apresenta um pequeno estudo crítico da evolução do sistema de classificação anfórico púnico desde a primeira publicação de vasos púnicos, entre estes ânforas, pelos arqueólogos que trabalharam na necrópole cartaginesa de Ard el-Khéraïb em 1909. Somente na década de 50 teriam surgido os trabalhos que seriam os guias de praticamente toda produção posterior acerca dos vasos púnicos em geral e das ânforas em particular. São dois, o trabalho de P. Cintas (1950), do qual é feita uma análise extremamente crítica, centrada especialmente na falta de critérios tipológicos, o que teria levado a uma classificação subjetiva, baseada em impressões visuais (p.149), e o de J. Mañá (1951), elogiada por Ramon Torres por sua objetividade, já que Mañá elaborou uma tipologia baseada exclusivamente nos materiais das ânforas, ou seja no tipo da cerâmica. Nas décadas seguintes e de maneira geral, surgiram duas escolas distintas, uma com enfoque nos achados espanhóis que procurou se desenvolver a partir dos pressupostos apresentados por Mañá, e uma segunda do Mediterrâneo Central, que procurou fazer o mesmo com a obra de Cintas.

A grande maioria dos estudos mais recentes, no entanto -inclusive os poucos "independentes" que procuraram estabelecer tipologias próprias-, dizem respeito a conjuntos anfóricos provenientes de regiões específicas. Podemos citar os artigos de M. Pellicer (1978) acerca das ânforas do Baixo Guadalquivir e o de J. H. van der Werff (1977-1978) sobre as peças encontradas em uma das campanhas de escavação em Uzita. Fica exemplificado, assim, a abordagem inovadora do autor, pois se propõe a criar uma nova tipologia anfórica a partir de uma grande quantidade de documentação material com uma abrangência geográfica nunca antes recolhida para um estudo específico do gênero.

A partir da segunda parte do capítulo 4, temos finalmente o trabalho de reclassificação e agrupamento em tipos únicos do material coletado pelo autor -incluindo aí as evidências recolhidas em Museus Públicos e em coleções particulares. A intenção de criar uma tipologia que alcance todas as ânforas fenicio-púnicas do Mediterrâneo Central e Ocidental fica assim explicitada: "Una nueva tipologia que tienda a un alcance Mediterráneo Centro-Occidental para las ánforas fenicio-púnicas resulta, por todo lo dicho, imprescindible y plenamente justificada" (p.158). Após a exposição de seus pressupostos, Ramon Torres apresenta a estrutura de seu sistema classificatório. Este possui um ponto imprescindível, que é o de permitir o acréscimo de novos tipos a serem ainda descobertos no futuro. Sua classificação é dividida em quatro níveis: Série (S); Grupo (G); Subgrupo (SG) e Tipo (T). Os níveis mencionados seguem uma ordem hierárquica que consiste em uma gradação linear, onde o autor utilizou dois elementos discriminatórios básicos para a definição inicial das Séries -mas que também é aplicado aos outros níveis:

a) A presença ou ausência de um determinado elemento (por exemplo, fundo aberto, boca ligada diretamente ao corpo, etc.). Neste aspecto, o autor não ousou propondo classificar suas peças a partir de elementos novos, manteve-se, assim, ligado a elementos já clássicos como a presença ou ausência de ombro arestado em ângulo vivo ou carenado.

b) A combinação de perfis geométricos definidos a partir de operações matemáticas. Particularmente, as diversas relações entre a altura do recipiente, incluindo ou não a boca, dividida pelo diâmetro máximo da ânfora. Estas operações definem grupos iguais ou superiores e iguais ou inferiores a um quociente pré-determinado.

Ramon Torres buscou, deste modo, criar uma “árvore genealógica”, que parte da S.1.0.0.0., isto é, série 1, e chega até a S.15.0.0.0. Estas Séries, Grupos e Subgrupos, que se posicionam verticalmente nas “árvores genealógicas”, não precisam necessariamente representar uma ânfora específica, pois foram elaborados a partir do conjunto de características que os formam, portanto de diversos elementos diferentes, partindo do geral até chegar ao concreto, no caso, representado pelo Tipo -este sim, sempre baseado em ao menos um exemplar existente. Assim, as Séries jamais se reduzem a somente um aspecto formal, e sim a um conjunto destes que permite definir um Grupo, um Subgrupo e um Tipo, cada um destes com características outras que, no entanto, não os afastam da Série em que se encontram.

O autor quer crer que condensou, nas quinze séries propostas, as diretrizes essenciais de qualquer ânfora fenício-púnica. Assim, um novo exemplar que seja descoberto no futuro se encaixará a uma, e tão somente uma, destas Séries e dentro desta em um de seus Grupos e Subgrupos. No entanto, poderá a partir deste ponto vir a representar um novo Tipo. Ramon Torres, entretanto não descarta a possibilidade de surgirem novas Séries a partir de novos achados. No momento, foram elaboradas quinze séries e cento e trinta e dois tipos.

A apresentação em si das Séries, Grupos, Subgrupos e Tipos é feita de maneira clara e de fácil visualização e leitura. Na “ficha” de cada Tipo são apresentados os seguintes dados: comentário geral a respeito da(s) ânfora(s) que o compõe, descrição da boca, do perfil do corpo, do pescoço, das alças, da base, as medidas, o acabamento, o tipo de cerâmica, a existência ou não de marcas ou/ e de epigrafia, a cronologia, e por fim, os locais conhecidos de fabrico.

Qualquer esquema classificatório sempre traz algum tipo de problema, seja pela subjetividade que, por menor que seja, é inerente a ele, seja em razão da contestação dos critérios utilizados. O próprio autor admite que, em determinados momentos se viu obrigado a alargar ou estreitar os parâmetros de um determinado Tipo para impedir que uma mesma ânfora pudesse encaixar-se em mais de uma classificação.

O capítulo 4 traz ainda quatro partes com pequenos estudos acerca dos seguintes aspectos relacionados às ânforas analisadas:

a) Os elementos complementares a elas: selos; grafites, realizadas através de objetos incisivos antes ou depois do cozimento do vaso; e os chamados *tituli picti*, isto é, inscrições ou motivos quaisquer feitos nas paredes dos recipientes através de pintura

b) A cerâmica em si, ou seja, a análise química e de textura desta.

c) Os parâmetros utilizados para o enquadramento cronológico de cada Tipo.

d) A questão dos conteúdos dos vasos.

De maneira análoga à classificação das ânforas, Ramon Torres trabalhou também o conjunto de 350 -número total conhecido- de selos que pôde catalogar nas ânforas fenício-púnicas. Assim, ele procedeu a uma seriação morfológica deste material, onde foi levada em consideração tanto a geometria dos selos como das cartelas que os envolvia (circular, ovalada, quadrada, etc.). Além disso, o autor estabeleceu dois grupos distintos: selos epigráficos e anepígrafos, sendo que, por vezes, letras e símbolos fazem parte de um mesmo selo. Dos 350 documentos com os quais trabalhou, pouco mais de 60 encontram-se em fragmentos grandes o suficiente para permitir a identificação entre tipo de selo e tipo de ânfora. O restante foi catalogado sem relacioná-los diretamente a algum tipo específico

de ânfora. No entanto, a partir da localização dos achados o autor pôde tecer uma série de comentários a respeito do conteúdo das representações e do significado do uso de selos em ânforas fenício-púnicas. Já a documentação de grafites e *tituli picti* elencada foi de número reduzido, permitindo, então, ao autor, tecer apenas notas mínimas a seu respeito.

A parte referente ao estudo da cerâmica foi realizada da maneira clássica, ou seja, a partir da análise química e da textura da cerâmica. Ramon Torres estabeleceu onze grupos geográficos e relacionou-os a respectivos tipos de ânforas. As balizas cronológicas, penúltima parte do capítulo 4, baseiam-se tanto nas datações apresentadas nas fontes clássicas, de fatos históricos relativos aos sítios estudados, como também, nas confirmações e alterações que as campanhas de escavação arqueológicas têm permitido realizar. Neste âmbito, de capital importância para a delimitação cronológica dos tipos anfóricos estabelecidos pelo autor são as datações determinadas pelas campanhas subaquáticas de resgate de navios naufragados ao longo da costa mediterrânea.

Por último temos uma pequena análise dos conteúdos das ânforas. O autor utilizou-se de duas fontes de informação: as provas diretas, resgatadas nas paredes internas dos vasos através de análises químicas; e as provas epigráficas -esta última devido à escassez de material foi pouco aplicada.

Ainda fazem parte da obra dois capítulos finais. O primeiro pretende traçar um pequeno estudo a respeito das ânforas fenícias na costa do Levante -que o autor chama de fenício-orientais-, como também apontar a influência morfológica de seus tipos na produção do Ocidente. E, por fim, o autor faz um apanhado geral de todas as ânforas catalogadas por ele, dividindo-as, por grupos cronológicos, e tecendo comentários a respeito de seu enquadramento histórico sócio-econômico.

Estes dois últimos capítulos, apesar de úteis e de valor inegável, não representam o intuito desta obra. Como já salientamos, o objetivo mor foi o de inserir todas -ou quase todas- as peças anfóricas fenício-púnicas do Mediterrâneo Central e Ocidental dentro de uma única divisão tipológica, com a clara intenção de se tornar esta denominador comum em todos os estudos a respeito destes vasos. A importância da existência de uma classificação aceita por todos e assim utilizada é irrefutável, e a princípio a divisão proposta por Ramon Torres é operacional. No entanto, será preciso aguardar a repercussão e os desdobramentos de sua proposta para se poder avaliar a propriedade desta classificação.

É preciso salientar que a obra é graficamente primorosa, especialmente no que concerne a qualidade das ilustrações e das fotografias das ânforas. Todas os tipos de ânforas estabelecidos pelo autor foram ricamente ilustradas através de desenhos de excelente qualidade -tanto perfis de corpo, como também detalhes de acabamento, das bordas, etc.- e, para a maioria há também a ilustração fotográfica. Os perfis de corpo de cada tipo formam o primeiro anexo e não são mencionados ao longo do texto propriamente dito, servindo como fonte de informação extra para o leitor. As ilustrações de detalhes, das bordas, do corpo inteiro das ânforas, e quando foi o caso, as fotografias, estas sim, são mencionadas através de uma numeração em negrito e entre colchetes ao lado de cada "ficha" dos tipos. Nestes casos, o autor usou do bom expediente de utilizar o mesmo número para as ilustrações e a foto de uma determinada ânfora, facilitando a procura do leitor. Neste que é o terceiro anexo se encontram também os desenhos dos selos, que seguem o mesmo esquema de localização das ilustrações anfóricas.

O segundo anexo traz esquemas da evolução e desenvolvimento dos tipos de ânforas pelas áreas produtoras. Apesar de muito interessantes, estes esquemas não chegam a ser adequadamente discutidos previamente, o que dificulta sua inserção na obra como um todo.

Fazem parte do livro ainda três índices remissivos: de figuras, de topônimos e de tipos. Uma vasta e rica bibliografia temática, e por este motivo de grande utilidade para o pesquisador iniciante ou para aquele interessado em pontos específicos, foi elencada tendo o autor o cuidado de repetir a indicação de uma determinada obra quando esta podia ser colocada em mais de um tema. Para isto, Ramon Torres aproveitou-se da numeração dada a cada obra, e citou novamente então apenas o número que a caracterizava. Ao longo do texto o uso do número de uma referência bibliográfica foi utilizada como útil expediente para se evitar poluição visual com o uso exagerado

de notas de rodapé, recurso, aliás, que não chegou a ser utilizado pelo autor. De maneira geral as referências, sejam elas bibliográficas, das ilustrações, das fotografias e das citações ao próprio texto foram elaboradas de modo claro e sem confusões.

Dentro do conjunto de anexos, dos quais as ilustrações e as fotografias fazem parte, há um dedicado a ordenação, através de mapas, da distribuição espacial dos vários tipos anfóricos catalogados pelo autor. Estes mapas servem como indicador claro das possibilidades que o estudo da distribuição espacial deste tipo particular de recipiente trazem para análises sócio-econômicas. No entanto, estes, apesar de bem desenhados, pecam pela falta de escala. Por último, temos duas tabelas. Uma de equivalência entre os tipos de Ramon Torres e os de outros especialistas - onde fica mais claro visualmente a existência de novos tipos descobertos pelo autor; e outra cronológica, útil para uma visualização dos picos máximos e mínimos da produção anfórica fenicio-púnica.

Além da falta de escala nos mapas, uma outra falha, de difícil solução é verdade, pôde ser notada. Ao longo de todo o texto, e portanto antes de apresentar sua nova divisão tipológica, o autor já faz uso de seus tipos. Isto é, no terceiro capítulo, quando o leitor ainda está tratando do conhecimento do corpus documental com o qual o autor irá trabalhar, ele se vê obrigado a fazer um jogo de ir e vir entre este e o capítulo 4, onde a classificação de Ramon Torres é devidamente apresentada.

Esta pequena falha na dinâmica da leitura do livro, no entanto, não ofusca o brilhante trabalho empreendido pelo autor. Seja no armazenamento de uma quantidade impressionante de documentos materiais, seja no trabalho de análise morfológica complexa e exaustiva feita para cada um dos documentos coletados, o que temos aqui é uma obra que possui em si todas as qualidades para se tornar referência obrigatória nas pesquisas de cerâmica fenicio-púnica e quiçá tornar a utilização de seus tipos norma nestes estudos, facilitando, assim, a condensação dos resultados obtidos.

Referências Bibliográficas

- Cintas, P. (1950) *Ceramique punique*, Túnis.
- Mañá, J. M^a. (1951) "Sobre tipologia de ánforas púnicas", *Congresso Arqueológico del Sudeste Español*, Alcoy, Cartagena, pp.203-210.
- Morel, J.-P.(1981) "Céramique campanienne. Les formes", *Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athenes et Rome*, 244, Roma.
- Pellicer, M. (1978) "Tipologia y cronología de las ánforas preromanas del Guadalquivir, según el cerro macareno (Sevilla)", *Habis*, 9, pp.365-400.
- Werff, J. H. van der (1977-1978) "Amphores de tradition punique à Uzita", *Bulletin Antieke Beschaving*, 52-53, pp.171-200.